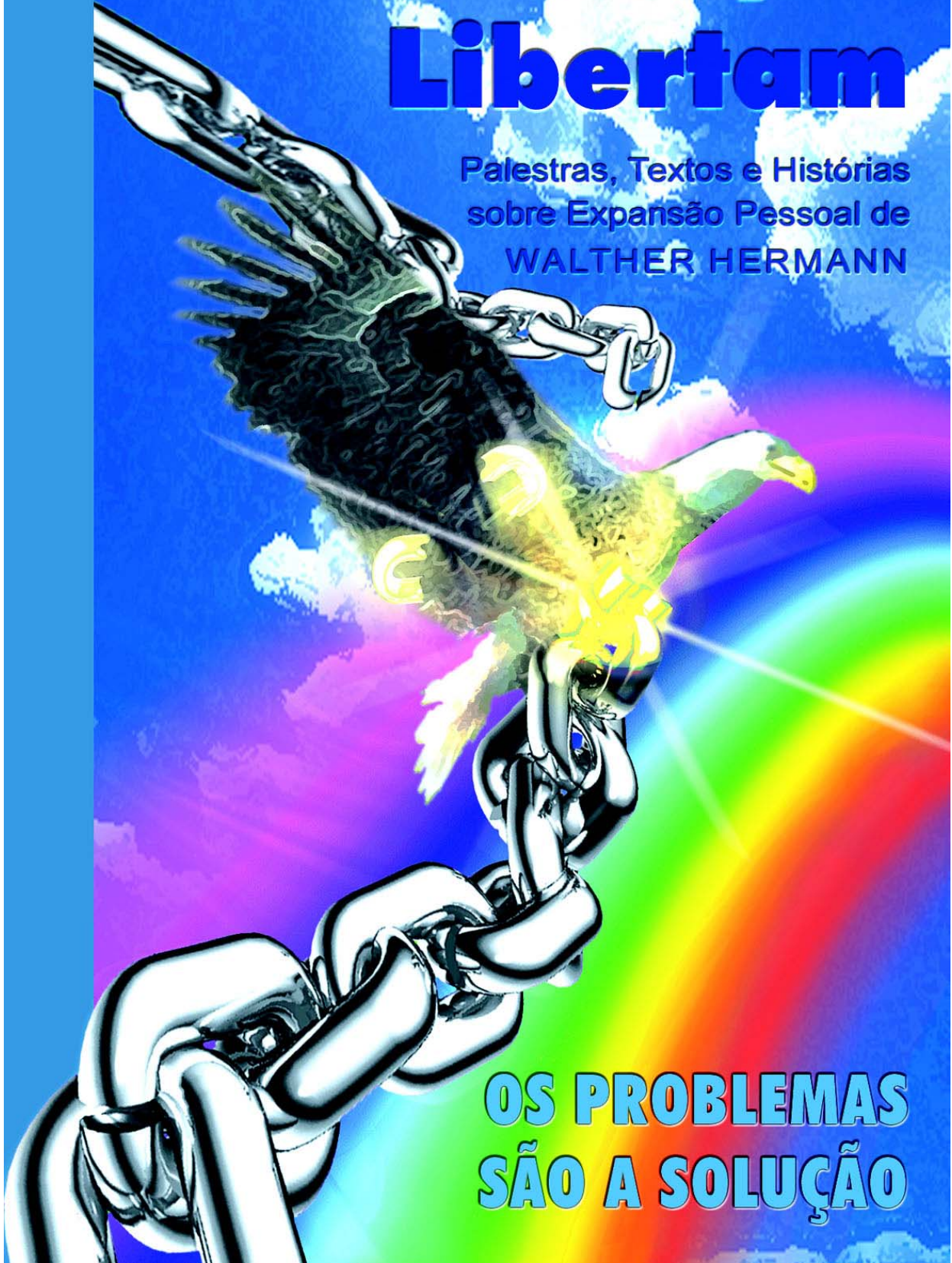


Histórias que Libertam

Palestras, Textos e Histórias
sobre Expansão Pessoal de
WALTHER HERMANN



**OS PROBLEMAS
SÃO A SOLUÇÃO**

COLEÇÃO HISTÓRIAS QUE LIBERTAM

OS PROBLEMAS SÃO A SOLUÇÃO

Walther Hermann
2011

Edição e produção: Walther Hermann

Editoração e Fotelitos: JOIN Bureau de Editoração

Revisões: Danae Stephan

Criação e produção da capa: Gerson da Silva Domingues

Supervisão artística da capa: Gilson da Silva Domingues

Finalização da capa: Neide Siqueira

Direitos autorais: Walther Hermann Kerth

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Histórias que libertam: expansão pessoal /
Palestras, artigos e textos de Walther Hermann.
— São Paulo: W. Hermann, 2011.

Obra em 12 v.
ISBN 85-900811-4-1

1. Auto-ajuda – Técnicas 2. Conduta de vida
I. Hermann, Walther.

00-629 CDD-158.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento pessoal: Psicologia aplicada 158.1
2. Potencial humano: Desenvolvimento: Psicologia aplicada 158.1

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO

Home-page: www.bloqueios.com.br E-mail: potencial.humano@uol.com.br

Fone: (19) 3258-6008 – Fone/Fax: (19) 3258-4454 – Campinas – SP

Apresentação e Agradecimentos Coleção Histórias que Libertam

Os trabalhos apresentados nesta edição fazem parte dos resultados atingidos a partir da reunião, “mastigação”, “digestão” e síntese das mais variadas experiências pessoais, profissionais, sociais e emocionais e psicológicas vividas pelo autor.

Os “atores” desta peça constituem-se de mestres, professores, amigos e alunos dos vários empreendimentos que antecederam ou coexistem com a editora do Instituto de Desenvolvimento do Potencial Humano.

Gostamos muito de compreender o atual momento pelo qual passa a humanidade como mais um degrau de uma longa jornada evolutiva em que repetimos a mesma transformação pela qual passamos em tempos remotos, porém num nível mais simples. Isto é, quando os organismos unicelulares (expressão máxima da vida há mais de um bilhão de anos) de alguma forma “resolveram” se associar na formação de organismos multicelulares. Houve uma tremenda revolução de modelos de sobrevivência desses seres.

Numa etapa posterior, formaram-se organismos com determinadas especializações e, sabe-se lá quando, apareceram os órgãos. Mais e mais complexidade evoluiu para chegar ao atual cume da criação considerado por nós como o ser humano.

Embora exista algum consenso para a separação entre Homem e Natureza, principalmente no discurso que classifica o comportamento humano de predador ou agressor, talvez possamos também aceitar que nós mesmos somos a própria natureza (em uma de suas múltiplas formas de expressão e manifestação) ou, se preferir, o desfecho atual de nossa jornada evolutiva.

Essa abordagem sistêmica de conceber Homem e Natureza abre a possibilidade de aceitarmos um novo papel ou destino: o de sermos apenas as “células” de um organismo muito maior, mais complexo, mais sofisticado, que possa expressar um padrão de consciência ainda muito mais elevado e, ao mesmo tempo, profundo.

Talvez a religião do futuro seja então voltada para aquilo que nós, seres humanos, possamos criar. Se isso faz algum sentido, que nos reunamos em torno de objetivos comuns, então os templos deste futuro serão as organizações que assumirem a missão e o compromisso de expressar e sustentar o crescimento e o desenvolvimento humano.

Aqui, sonhando com uma era de muita prosperidade e fraternidade verdadeira, mostra-se a mais pura definição de espiritualidade que adotamos, emprestada de um mestre: percebemos o despertar da espiritualidade quando, na segunda-feira pela manhã, cedo, começamos a acordar de muito bom humor... Quando os problemas cotidianos não obscurecem mais nossa visão de longo prazo, nem comprometem o sentido que damos à nossa existência. Quando, enfim, trabalhar será um grande prazer durante o qual estaremos criando um mundo melhor para todos nós.

Nessa “matemática”, um mais um pode ser muito mais que dois. Quem sabe seja essa a principal “tabuada” do próximo degrau da jornada evolutiva humana quando nos referirmos ao imenso poder de pensarmos, planejarmos e agirmos juntos... Às portas do terceiro milênio!

A partir disso, faço agradecimentos especiais àquelas pessoas mais proximamente envolvidas com a concepção dessa nova apresentação deste livro que incorporam os conhecimentos atuais, não obstante, mais antigos, nos campos da educação, ciências do comportamento, antropologia e saúde de uma forma simples e prática.

Algumas delas são Viviani Bovo, minha esposa e sócia, Rubens Queiroz de Almeida e John Winder, sócios e parceiros em vários projetos, Kamil Kerth, Célio Antônio da Silva, Virgílio Vasconcelos Vilela, Hélio e Miriam Torrano, Raquel Bovo, Octávio Bovo, Luiz Modesto e Beatriz Barboza, Danae Stephan, Gilson da Silva Domingues e Solange Reichmann, uma amiga distante porém não esquecida.

Esta lista de agradecimentos deveria ainda incluir muitas outras pessoas que contribuíram direta ou indiretamente com a obra, entretanto, se isso fosse feito, o livro teria quase o dobro do tamanho. Por isso, desejo deixar registrado que esse trabalho não seria possível sem todas essas outras pessoas do presente e do passado que participaram da minha vida e das histórias contadas.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO

Home-page: www.bloqueios.com.br E-mail: potencial.humano@uol.com.br

Fone: (19) 3258-6008 – Fone/Fax: (19) 3258-4454 – Campinas – SP

A finalidade principal desta coleção é disponibilizar trabalhos, em sua maioria, já realizados ou criados especialmente nesta ocasião que comprovadamente tenham contribuído para alimentar mudanças de percepção, despertar da força criativa (força interior) ou proporcionar nova compreensão e mais discernimento aos seus leitores ou ouvintes (quer em seminários, palestras ou sessões de atendimento individual).

Certamente, como qualquer outra obra desta natureza, muitas vezes denominada de auto-ajuda, terá sua banda de resultados efetivos para um público limitado.

Se existir algo que possamos considerar diferente neste empreendimento, isto provavelmente será apenas a forma de apresentação estruturada com o objetivo de construir a intuição ou “insight”, além de uma quantidade muito pequena de propostas e compromissos do tipo: “Você **tem de fazer** isso...”, “Você **deve agir ou pensar de tal forma...**”.

Também é diferente o fato de levar em consideração que sua mente interior participa ativamente desta leitura, extremamente atenta e pronta para aproveitar as oportunidades do texto para oferecer-lhe evidências dessa participação. Além do pressuposto de sua extrema inteligência e sabedoria inconscientes... Na prática, isso nos guia para uma nova visão de mundo (quase invertida!).

Lembrando que a maior parte deste trabalho já existia e que a contribuição de várias pessoas tornou possível e viável esta apresentação, da mesma forma, se você fizer uso de alguma destas histórias como presente para alguém que considere precisar, e se este gesto possuir uma intenção sincera de ajuda, apoio e amor, certamente carregará muito mais poder em suas palavras.

Esse se transformará no grande salto pelo qual estamos passando em nosso caminho de aprendizado e desenvolvimento. E assim estaremos atuando juntos na construção de mais saúde física, emocional, psicológica e espiritual.

Apresentação da 2ª Edição 2011

Mais de dez anos após a primeira edição, muitas novas histórias já se passaram... Eu ainda escutei incontáveis outras... Agora a coleção de livros de bolso “Histórias que Libertam”, que vive a plenitude de sua infância, foi transformada num único volume para atender aqueles leitores que preferem esse formato.

A edição original fora projetada para ter 15 volumes, dos quais 12 foram publicados. Os textos que compunham os volumes não publicados apareceram posteriormente em artigos, textos e em outro livro: “Mapas Mentais – Enriquecendo Inteligências” (2005), em co-autoria com Viviani Bovo.

Nesta nova edição, os conteúdos ganharam duas novas revisões e cada livro de bolso transformou-se em um capítulo. Então, devo justificar o fato de algumas histórias serem apresentadas duas ou três vezes em diferentes capítulos dessa edição! A razão disso é que tais histórias são essenciais para o encadeamento de intuições (*insights*) e não têm por objetivo a simples repetição ou ocupação de espaço, mas sim compor a “sinfonia” de cada tema desenvolvido, tal qual uma frase musical pode aparecer em diferentes músicas ou um refrão ser repetido duas, três ou quatro vezes na mesma música. Embora algumas histórias se repitam, talvez você note que obtém nuances diferentes de compreensão em cada ocasião – essa repetição também permite a leitura fora da ordem, de acordo com o interesse do leitor.

Ainda são as mesmas histórias contadas em palestras, cursos e seminários, pois já provaram grande eficácia em induzir seus participantes a reflexões e tomadas de decisão transformadoras. Embora as histórias sejam as mesmas, o autor já é outro e, ao ler as descrições de fatos vividos, nessa ocasião pude encontrar um novo motivo para publicá-las outra vez. O texto a seguir, denominado “Leitura Criativa”, descreve uma importante forma de ler as histórias, para que você entenda melhor a proposta deste livro e obtenha melhor compreensão de seu conteúdo.

Agosto de 2011

Walther Hermann Kerth

Leitura Criativa

A linguagem informal deste livro consiste num recurso que tem por intenção criar um clima de **leitura criativa**. Esse é um dos mais importantes aspectos deste material. **Leitura criativa** é uma metodologia que pretende trazer à nossa consciência nossas memórias, conclusões e decisões durante a leitura, tornando-as parte do conteúdo a ser processado em nossa mente juntamente com as histórias – isso pode parecer uma leitura dispersiva, mas é assim que funciona melhor! O conteúdo apresentado na forma de histórias, uma das linguagens de nosso hemisfério cerebral direito, é um poderoso convite à formulação de analogias e de comparações que indicam o caminho para a extração de significado das experiências de vida, às vezes, aparentemente caóticas. Este é um aspecto importante deste programa de aprendizagem inconsciente para construir a atitude adequada para ter acesso a canais de comunicação com a nossa própria mente interior. As histórias apresentadas neste livro têm a finalidade de mostrar um caminho de reflexão e interiorização, enquanto buscam desarticular velhos “clichês” e condicionamentos educacionais e culturais.

A **leitura criativa** oferece uma liberdade incomum de interpretação pois não tem o objetivo de trazer novas informações, mas sim, reorganizar aquilo que já conhecemos. Isso significa que a cada leitura, sua compreensão e seus *insights* podem ser diferentes! As histórias buscam resgatar nossas percepções e crenças e conjugá-las de novas formas com a finalidade de expandirmos nossa consciência sobre nossos próprios paradigmas e formas de compreender a realidade. Nesse sentido, os textos aqui apresentados têm a pretensão de servirem de passagens para um acesso confortável ao nosso próprio mundo interior – como se fossem portais de conexão interior, uma alternativa às práticas de relaxamento para processar as experiências e memórias de vida.

Ao longo deste livro estaremos investindo tempo e energia na integração e no resgate de muitas habilidades e percepções que, **por alguma razão muito importante, podem não estar em atividade**. Paradoxalmente, **quanto menos esforço de compreensão fizermos nesta leitura, maiores serão os resultados!** Os limites e bloqueios, dos quais tanto nos queixamos, foram aprendidos com muito empenho e dedicação, e melhor seria que fossem respeitados enquanto guardiões de nosso bem estar. Desejo exemplificar melhor a observação anterior, desse modo poderemos compreender o significado e a importância dos programas de adequação cultural e social para cada indivíduo.

Dois exemplos servirão para coordenarmos, sem prévios julgamentos e de uma maneira mais respeitosa, nossos interesses de mudança, crescimento e transformação com nossos antigos programas de “sobrevivência” e adaptação social, profissional e pessoal – condições que, efetivamente, nos destacam e compõem os atributos de nossa própria identidade.

Peter Senge, reconhecido pensador americano, conta uma história muito interessante em um de seus livros traduzidos para o português, “A Quinta Disciplina – Caderno de Campo”. O autor diz algo a respeito de um povo africano cuja saudação entre as pessoas era: “Te vejo”. A resposta cabível era: “Eu estou aqui”. Nessa cultura, um indivíduo poderia ficar muito ofendido caso algum membro de sua comunidade o encontrasse sem cumprimentá-lo, pois estaria negando-lhe a existência.

É claro, essa é “uma outra cultura”. Em nossa civilização, conquistamos respeito, reconhecimento e identidade pelo que sabemos repetir e reproduzir dos conhecimentos culturalmente aprendidos e aceitos como verdadeiros. Ou através da representação de ações, frases ou clichês assistidos nos programas de televisão.

Parte da noção de realidade que possuímos e dos seus significados são estabelecidos pelas celebridades em evidência em cada época – grandes personalidades e artistas nos oferecem os padrões de conduta adequados. Porém, nem sempre somos capazes de avaliar a adequação ou o conforto de assumir tais comportamentos para nós mesmos.

Um exemplo interessante foi a oportunidade que tive de palestrar em um encontro de atualização profissional de Recursos Humanos em agosto de 1.996. Eu faria a palestra de abertura do terceiro e último dia do evento. Assim, aproveitei os dois primeiros dias para reconhecer a linguagem dos outros palestrantes e adaptar o meu discurso. Na abertura do segundo dia, houve uma dinâmica com

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO

Home-page: www.bloqueios.com.br E-mail: potencial.humano@uol.com.br

Fone: (19) 3258-6008 – Fone/Fax: (19) 3258-4454 – Campinas – SP

musicoterapia. Percebi que o palestrante estava realmente empenhado em obter a participação do grupo. Mas seus esforços davam poucos resultados. Num dado momento, solicitou aos presentes, espalhados pelo auditório, que se levantassem e que trocassem de posição: quem se sentava à frente deveria se encaminhar para trás e vice-versa. Quando a movimentação se iniciou, ele ainda pediu que, no momento em que duas pessoas se cruzassem, olhassem nos olhos uma da outra, se cumprimentassem e trocassem um sorriso. Observei fatos interessantes: 85% dos homens que encontrei não me olharam nos olhos; 40% das mulheres também não!

Alguns participantes, ao darem as mãos, rapidamente, sequer paravam de caminhar. Percebi que, em todo o auditório, que continha aproximadamente 150 pessoas, apenas um senhor de origem oriental de terno e gravata não se levantara para participar dessa vivência. Pensei comigo: “Talvez essa seja uma das poucas pessoas honestas em todo este grupo, pois, não querendo participar, teve coragem de boicotar abertamente a dinâmica”, em vez de fazer algo incompleto que não tivesse sentido para si.

Felizmente, entretanto, há uma minoria crescente de profissionais dessa área não somente interessados, mas também empenhados e comprometidos em contribuir para a construção de um novo modelo de gestão do potencial humano.

Tive a felicidade de encontrar organizações, cujos líderes e executivos deviam passar pela área de recursos humanos para começarem suas carreiras, como gestores do potencial humano: “Uma empresa não vale quase nada no fim-de-semana, ou seja, sem os seus profissionais”. Meu interesse por compreender os empreendimentos é antigo, e ficará mais claro ao longo deste livro. Por hora basta dizer que creio verdadeiramente ser uma importante solução para o desenvolvimento de nossa identidade brasileira.

De certa forma, o amadurecimento de nossa cultura segue um caminho de tentativa e erro. São movimentos coletivos nos quais vamos experimentando diversas formas, até acertar. Talvez aqui também valha a Lei da Seleção Natural, enquanto a Natureza constrói e evolui suas formas. Isso justifica o fato das transformações serem aparentemente tão lentas: uma condição de sobrevivência! Caso contrário, sem uma estabilidade mínima, talvez já tivéssemos deixado de existir em algum erro coletivo de grandes proporções.

Portanto, o processo natural criativo incessante pressiona a estabilidade, enquanto esta desacelera a evolução, mas não tem a finalidade de imobilizá-la, mas sim de garantir-lhe a segurança! Numa dimensão humana, o conflito aparente entre o processo criativo e os obstáculos para a livre expressão da força criativa (comumente conhecidos como bloqueios) é compreendido como algo a ser vencido por um dos personagens: a chamada criatividade.

Mas essa é essencialmente uma conclusão do mundo adulto. No universo infantil, de alguma forma, esse conflito parece existir para que os bloqueios perseverem. Contraditório, não? Então, de uma forma estranha, parece que as crianças, criativamente, aprendem a não utilizar sua criatividade!

De fato, uma outra forma de entender os chamados bloqueios mentais ou emocionais é percebê-los como construções criativas de nossa própria mente inconsciente para lidar com os regulares problemas causados pela expressão descontrolada de nossos impulsos criativos.

Certamente, então, qualquer recurso, comportamento ou estratégia que tivemos ou usamos em alguma época de nossa vida, conscientemente ou não, e escolhemos deixar de utilizá-la para assumir uma identidade reconhecida profissional ou socialmente, **poderá ser reativado.**

Agora, entretanto, não devemos nos condenar ou mesmo julgar algumas decisões, sejam elas inconscientes ou não. No passado, talvez tenha sido muito mais importante a aceitação, o reconhecimento e a conquista do processo de integração à nossa comunidade, enquanto construíamos uma identidade socialmente adaptada.

No presente e no futuro, porém, poderá ser muito importante para nossa expansão e realização que resgatemos aqueles potenciais que acabaram por adormecer em nosso interior. Então, já condicionados e

posicionados em nosso meio social, podemos empreender uma nova jornada: o resgate de nós mesmos, do qual podemos ter nos desviado em algum atalho do caminho.

Para que ocorra esse fenômeno que chamo de **leitura criativa**, esse processo será muito mais produtivo e transformador com a participação daquelas dimensões de existência nas quais ocorre a extensa maioria de nossas percepções e ações: a nossa mente inconsciente, constituída de várias motivações e segmentos de consciência responsáveis pela nossa manutenção e sobrevivência, que nem sempre são consultadas em nossas decisões. Para ter uma idéia do alcance disso, talvez você queira refletir sobre a seguinte questão: “Como você escolhe o que perceber?”. Como, em cada instante, você decide para onde direcionar o seu foco de atenção? Esse processo inconsciente que nos permite selecionar fragmentos da realidade para torná-los compreensíveis não opera dentro de parâmetros rígidos e é constituído de muitas micro-motivações e interesses.

Enquanto você lê estas linhas, até que eu fale sobre isso, possivelmente não esteja consciente de uma série de eventos que coexistem ao mesmo tempo: suas sensações corporais de conforto ou desconforto e contato com a cadeira (caso esteja sentado em uma) ou calor, o resto de suas impressões visuais periféricas que abarcam, pelo menos, um cenário muito maior que estas páginas. Nem muito atento às variadas impressões sonoras que lhe invadem os ouvidos, seja por dentro ou por fora e, mesmo assim, são desviadas de sua consciência, processo este que podemos chamar, no momento, simplificarmente, de percepção periférica.

Todas essas percepções estão aí, disponíveis... E basta falarmos delas que, magicamente, emergem e tornam-se evidentes! Então, como você escolheu prestar atenção nelas agora que as mencionei? Note que nesses dois últimos parágrafos, um sinal interessante dessa ativação interior pode ter sido um impulso de você ter mudado de posição onde está sentado ou localizado – apenas uma evidência de que, além da consciência focada no texto, sua mente interior pode estar processando muito mais informações e instruções do que você imagina!

Também, especialmente, podemos reconhecer nossas memórias e nossos pensamentos – **como eles estão ordenados?**

Então repito, gostaria de convocar **todas** aquelas dimensões da nossa existência interior que realmente **escolhem o que perceber**, aquelas que **escolhem o que lembrar** e também **aquelas que escolhem o que pensar**, entre outras, e que, na maioria das vezes, nos orientam, tomam decisões e nos apontam os caminhos para as experiências de vida através de inúmeros sinais que podem escapar de nossa consciência, por uma questão de ignorância ou falta de treinamento nessa linguagem de comunicação intrapessoal.

Convoco-as todas para contribuir e participar deste empreendimento que pode gerar aprendizagens e percepções que transcendam os limites dos objetivos conscientes. Essa invocação tem um nobre propósito que partilhamos todos juntos: despertar melhores sentimentos e promover novas formas de expressão de nossa condição mais essencial, o fator humano.

Nesse processo, que chamei de **leitura criativa**, espero que a mente interior de cada um de nós esteja presente a oferecer-nos as mais significativas percepções, conscientes ou não, transformando a nossa consciência no palco ou no cenário de um espetáculo em que estejam presentes, simultânea e/ou sucessivamente, impressões internas e externas, para que possamos realizar, o mais efetivamente possível, nosso intento íntimo com este programa: a conquista de mais Liberdade e Autonomia.

Não se oponha então, se ao acompanhar estas palavras durante a leitura, acontecerem reações como: desconcentração ou concentração absolutas, não-entendimento, entendimentos únicos ou múltiplos, sonolência ou intenso impulso de movimentação e, principalmente, uma série incomum de sensações pelo corpo, imagens coerentes ou desconexas, ou mesmo um discurso paralelo dentro de sua mente ou percepções. Não existe certo ou errado nesta proposta, são apenas sinais e mensagens de sua mente inconsciente.

Todos esses efeitos, sejam conscientes ou não, apenas indicam uma intensa atividade interior de integração de conhecimentos, percepções e ruptura de algumas crenças de limites instaladas ao longo de anos pelo processo de sociabilização: educação e adequação sociais.

Não obstante, **permita que isso aconteça e divirta-se com isso**. Quando perceber algum impulso de movimento, vontade de espreguiçar-se, bocejar ou adormecer, deixe acontecer. Não se preocupe, nem se *pré-ocupe*. Ceda aos impulsos espontâneos.

Poderemos reaprender coisas interessantes durante essa proposta mais descompromissada de ler, cuja finalidade é utilizar este livro apenas como um veículo para exploração interior. Os diferentes estilos de aprendizagem estão sendo estudados e nós, acadêmicos ou não, ainda temos muito a aprender com aqueles adolescentes e jovens que “dormem” na aula, que estudam vendo televisão ou mesmo conversando, ou desenham enquanto assistem às aulas – e comumente são bons alunos.

Quaisquer sensações, sejam incomuns ou não, durante a leitura deste livro, deverão ser entendidas como mensagens. Mensagens e informações de nossa(s) mente(s) não consciente(s).

Sendo assim, **leitura criativa** é um processo que se desenrola em nossa consciência, no qual, simultânea ou sucessivamente, estamos sensíveis, receptivos e perceptíveis a estímulos externos (informações e representações dos objetos de observação, estudo ou leitura) e sensíveis e atentos às impressões subjetivas que nos são oferecidas, tais como: percepções sensoriais interiores, viscerais, visuais, auditivas, idéias, memórias e intuições.

Não esqueça as instintivas também, no caso de ocorrer sono, fome, uma vontade de se movimentar ou ir ao banheiro. Acima de tudo, divirta-se! Esses foram os principais acordos necessários para continuarmos nosso empreendimento: abrir novos caminhos e desbravar fronteiras.

Assim, admitindo que nossa mente interior tenha escolhido valores elevados tais como a coleta de experiências e a consolidação de aprendizagens, agora passaremos à frente para discutir soluções, após termos definido um cenário inicial que inclui experiências comuns em nossas vidas. Neste livro serão tratadas soluções em diferentes ambientes para conquistarmos melhores sentimentos, atitudes interiores de aceitação e respeito mais gentis e dóceis para vivermos mais livres e melhor.

Romper alguns protocolos sociais que nos moldam a percepção e flexibilizar alguns preconceitos nos permitirão encontrar um sentido mais profundo em despertar e revelar nossos objetivos mais íntimos, agregando ainda alguns ganhos secundários interessantes, próprios da estimulação dessas dimensões de nossa existência.

O encadeamento de múltiplos níveis de sentido e significado ainda nos mostra o valor e a elegância da utilização do **Princípio da Alavancagem** aplicado neste contexto. Serve ainda como um convite para que você vivencie um processo de aprendizagem mais profundo e natural, incorporando todos os aspectos mentais, emocionais e corporais que se dispõem durante a leitura.

Como primeiro título da Coleção original “Histórias que Libertam” ou primeiro capítulo desta segunda edição, “Os Problemas São a Solução” traz uma apresentação geral da atitude básica presente nesta coleção.

Encontrando o Próprio Caminho

A vida, em última instância, é muito simples: todos nós nascemos, crescemos, vivemos e morremos... Tudo isso num ambiente que já existia antes de nós e que continuará a existir depois de nossa jornada. Viver, portanto, é aprender, criar, interagir, relacionar-se, dar, receber, trocar e agir, e ainda outras coisas.

Talvez por essas razões tenhamos mais responsabilidade de encontrar nosso espaço e nosso caminho. Mesmo porque, nem nossa cultura nem nossa educação nos garantem esse encontro com nosso melhor destino e nossas potencialidades, principalmente em épocas de transformação tão rápidas como a que vivemos atualmente.

Por serem filhos desse mesmo mundo, nossos pais estiveram sujeitos aos mesmos riscos de encontros e desencontros, logo muitos deles também não têm os recursos necessários para nos orientar precisamente nessa busca.

Apesar de tudo isso, sabemos que muitas pessoas atingem aquilo que chamamos de sucesso... Ou felicidade... Como se essas pessoas pudessem consultar uma “bússola interior” (ou um “farejador”, como gosto de chamar) orientando-os para o encontro das melhores oportunidades.

Em nossa cultura ocidental, é comum associarmos a noção de sucesso a uma certa disponibilidade de recursos financeiros. Creio que, em nosso tempo, existem especialmente três “coisas” que possuem valor: dinheiro, conhecimento e relacionamento.

Qualquer um desses três entes produz mais valor. Além disso, atualmente é possível se desenvolver uma nova profissão ou competência profissional em um período que varia de dois a cinco anos, ocasionalmente menos.

Para nós, seres humanos, fazer e realizar são formas que encontramos de expressar melhor nossa força criativa. Nesse sentido, empreendedor também é aquele que educa filhos, aprende, negocia etc.

Minha experiência com a formação motivacional de empreendedores me leva a concluir que mesmo o sucesso empresarial não depende essencialmente de dinheiro. Muitos deles, sem capital inicial, fizeram da própria força de trabalho, com muita criatividade e dedicação, o impulso inicial para o sucesso.

Conjugando essas considerações, o que realmente quero dizer é que é possível trabalhar no que mais gostamos! Aprendendo a perceber nossas inclinações, melhores qualidades e habilidades, podemos melhorar nossas vidas e nossos sentimentos ao encontrar o nosso melhor destino ou, como gosto de chamar, o nosso próprio caminho.

Mais do que isso. Dentro de cada um de nós já existe um plano inicial e um mapa de nosso sucesso, porém muitas vezes escondido pelos preconceitos, medos, teimosias ou preguiças, aprendidos ao longo de nossas vidas.

Anote seus pensamentos agora, levando em conta aquilo que acabou de ler. Talvez você concorde com algo do que acabei de dizer, parcial ou completamente... Após a leitura deste pequeno livro, volte a ler esta apresentação e considere suas anotações para ter a oportunidade de observar o que pode acontecer de mágico na “cura” de alguns pensamentos ou sentimentos.

Início

Quando começamos a pensar sobre o assunto da Motivação Profunda, é muito importante refletirmos sobre algumas questões relacionadas aos nossos desejos, vontades e hábitos de fazer ou conquistar coisas.

Primeiramente, mesmo que uma pessoa esteja aparentemente desmotivada ou sem motivos para andar pela vida, ainda assim sua mente interior conhece razões de sobra para continuar mantendo o funcionamento total ou parcial do seu próprio corpo.

Por isso precisamos compreender que existem dimensões paralelas de motivação que coexistem... Mesmo que não estejamos conscientes delas. A história seguinte ilustra essa compreensão.

O Menino que Quebrava Brinquedos

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO

Home-page: www.bloqueios.com.br E-mail: potencial.humano@uol.com.br

Fone: (19) 3258-6008 – Fone/Fax: (19) 3258-4454 – Campinas – SP

Em uma palestra, uma senhora se apresentou, disse que gostara muito de algumas colocações e que queria ouvir minha opinião sobre a seguinte questão:

– Tenho um filho de nove anos. Não sei mais o que fazer com ele. Ele destrói todos os seus brinquedos! O que você me aconselha a fazer? Já lhe disse, várias vezes, que não lhe daria mais nenhum brinquedo até que aprendesse a cuidar dos que possuía. Ele acaba ganhando de outras pessoas... Além disso, quando percebo que não tem com o que brincar, acabo me comovendo e comprando-lhe um novo. Então novamente ele o quebra. Isso me deixa bastante irritada e repito que não vou mais lhe dar brinquedos. Mas você sabe como a gente é, eu não agüento e acabo comprando novamente. O que você acha que deve ser feito?

A longa apresentação do problema me proporcionou tempo para pensar, então lhe disse o seguinte:

– Eu tenho pelo menos três respostas diferentes para considerar... A primeira delas talvez seja a mais significativa dos pontos de vista de seu filho e meu. Eu também fui uma criança que quebrava muitos brinquedos. Na verdade, eu não os jogava no chão para ver se quebravam ou os incendiava. Tampouco os arremessava pela janela... Eu brincava, explorava, experimentava e, muitas vezes, eles se quebravam. Ocasionalmente, fazia comboios de carrinhos de ferro amarrados por fios de linha que bloqueavam as rodinhas ao se embarçar nelas.

“Muitas vezes desmontava um brinquedo para entender como funcionava. Inicialmente, ao remontá-los, talvez sobrassem algumas peças e, certamente, não funcionavam mais. Na verdade, eu apenas brincava.”

“Passou-se algum tempo e, cada vez que remontava um brinquedo, até por vezes sobrava uma ou outra peça, mas voltavam a funcionar. Mais algum tempo, então, quando tinha dois ou três brinquedos quebrados, conseguia, reunindo partes de cada um, montar ou construir um que funcionasse. E assim foi com brinquedos de plástico, madeira, metal, mecânicos, eletromecânicos e até eletrônicos.”

“Percebo, hoje em dia, que essa foi uma longa e importante etapa de desenvolvimento de algumas habilidades que considero de valor inestimável. Habilidades de manipular o mundo da realidade concreta. O mundo material. O desenvolvimento dessas competências me proporciona, no presente, uma grande desenvoltura em gerenciar e administrar ferramentas e consertar alguns diferentes tipos de utensílios domésticos e eletrodomésticos, eletricidade, alguma coisa de eletrônicos, hidráulica, mecânica, marcenaria etc.”

“Portanto, nesse caso, no seu lugar, eu não me preocuparia com o dinheiro que estivesse sendo gasto em brinquedos condenados à destruição. Estaria, sim, muito interessado em financiar e investir o quanto fosse possível e racional no desenvolvimento de algumas dessas habilidades de compreender, perceber e manipular o mundo das coisas materiais. Isso para qualquer criança. Também me interessaria em proporcionar-lhe autonomia nessas competências – serão de muito valor para ele. Além disso, esse ímpeto talvez chamado de destruidor, quando orientado para construir, acaba por justificar muitos contratempos.”

“A segunda resposta será a mais incômoda e, no entanto, valiosa para você como mãe. Pense bem, no relacionamento com seu filho, nessas questões de brinquedos, o único padrão repetitivo é sua atitude incoerente como mãe. Observe: brinquedos diferentes quebrados, brinquedos diferentes comprados, dias diferentes, até mesmo em locais diferentes; o único fator constante e repetitivo é o seu comportamento incongruente. Aquilo que você realmente está ensinando a seu filho, inconscientemente, é que ele pode manipulá-la quando precisar. Imperceptivelmente, você está ensinando-o a desrespeitá-la e a não acreditar em você. Está mostrando-lhe, desde pequeno, a grande fantasia do mundo dos adultos: os adultos não fazem o que falam e também não falam o que fazem!”

“Assim, sugiro que, no futuro, nunca mais lhe dê um brinquedo, enquanto continuar a afirmar que não lhe dará mais, se ele não aprender a conservá-los. Ou nunca mais lhe diga que não dará, se não tiver forças para cumprir sua palavra. Caso contrário, daqui por diante, saiba que, cada vez que ele desrespeitá-la ou mentir para você, você mesma ensinou isso a ele. A incongruência.”

“A terceira resposta talvez seja a mais importante das três: eu, se fosse você, não acreditaria em nada do que acabei de dizer, pois não tenho filhos e, além disso, fui filho único, criado entre adultos. Minha mais

completa experiência com crianças foi como educador em um ambiente esportivo. Logo, conclua você aquilo que pode ser útil no seu caso.”

Infelizmente, quando nascemos, não nos é dado o manual de instruções para sabermos como operar melhor todas as nossas potencialidades. Sequer alguém nos diz quais são elas. Da mesma forma, nossos pais, tendo a melhor e mais pura das intenções, acabam por fazer o melhor que podem com as “ferramentas” das quais dispõem. Entretanto, isso não garante completo sucesso.

Ao iniciarmos nossas vidas, é natural que pelos estímulos mais comuns, aprendamos inconscientemente uma série de hábitos de comportamento, integrados e incorporados à nossa forma de ser, de agir, de sentir, de pensar, de argumentar e de explorar o mundo. Muitas vezes, também, nossa forma de sonhar, de criticar ou abrir mão de nossos planos.

Graças a essa grande revolução atual nos modelos de trabalho, produção e construção do conhecimento, muitas famílias tiveram os pais compromissados com a captação de recursos para a sobrevivência.

Assim como nessa história anterior, devemos compreender que, na dimensão de nossa existência interior, muitas percepções e verdades coexistem, mesmo contraditórias.

Nosso trabalho nesse livro será aprender a sintonizar essas outras dimensões de vida que podem nos ensinar muitas coisas sobre como buscar e encontrar nosso caminho.

Além daquilo que possamos querer ou desejar em nossas vidas, precisamos também estar certos de que não possuímos uma forma única de ser e existir.

Mesmo que tenhamos sido bastante adestrados em dar sempre a resposta certa, ainda assim, o caminho mais adequado para cada um de nós não pode ser ensinado por outra pessoa.

Buscar e encontrar nosso próprio caminho faz parte de nosso compromisso de viver, assim como ninguém pode respirar por nós... Nem comer, nem ir ao banheiro.

Como pessoa, levei muitos anos para encontrar qual era a minha profissão. Foi um longo percurso de buscas, erros e acertos até chegar aqui onde estou hoje.

Entretanto, eu nunca imaginava que eu teria que criar minha própria profissão! Certamente, quando me perguntam o que eu faço profissionalmente, respondo que sou educador... Palestrante... Hipnólogo.

Mas, para os mais próximos, digo que faço Arquitetura de Aprendizagem. Se você me perguntar se estudei arquitetura... Eu nego! Se foi pedagogia? Também não! Mas a vida me ensinou a ser isso: Arquiteto do Aprendizado!

As duas próximas histórias vão tornar isso mais compreensível.

Burrice ou Ignorância...

Um dia, folheando uma revista, encontrei uma matéria muito interessante. Na verdade, foi o título completamente absurdo que captou minha atenção e meu interesse.

Essa curiosidade natural é uma ótima forma de perceber como está orientado nosso sistema de busca automática, ou “Farejador Interior”, como gosto de chamar.

Voltando à matéria... Tinha como apelo inicial: “O homem que vende ignorância”. Comecei a leitura. Era a história de um americano, já cinquentão, e suas peripécias na vida. Ele era graduado em direito e arquitetura, se não me engano.

Toda a sua vida trabalhara em pequenos projetos ou consultorias, porém nada tinha dado muito certo. Mesmo os negócios que empreendera não foram bem-sucedidos.

Como dizemos, fora “empurrando com a barriga” e sobrevivendo ao longo dos anos. Embora fosse considerado muito inteligente e criativo, nunca tinha dado muito certo.

Um belo dia, numa viagem de férias pelo interior dos Estados Unidos, comprara um guia e fora de carro.

Ao longo de seu passeio, constatou uma grande dificuldade de utilização daquele guia turístico. Cada vez que necessitava de uma informação, embora soubesse estar lá, levava muito tempo pesquisando até encontrá-la.

Quando estava na estrada, ao anoitecer, buscando a cidade mais próxima, encontrava as cidades organizadas em ordem alfabética! De que lhe servia isso?

Foi ficando muito incomodado com essas circunstâncias, a ponto de destacar páginas do livro, colá-las em outros lugares, recortar, rabiscar, anexar etc. Quando retornou da viagem, o guia estava completamente em frangalhos.

Entretanto, ainda insatisfeito com a aquisição, ligou para o editor da publicação e fez todas as reclamações!

Suas queixas eram tão bem fundamentadas que esse editor contratou-o para implementar suas idéias de um novo arranjo das informações do guia.

Atualmente, esse homem é um profissional extremamente bem-sucedido, trabalha em sua mansão à beira da praia na Costa Oeste americana. É conhecido como o primeiro e mais importante Arquiteto da Informação! Quando lhe perguntam o que faz, responde: “Eu vendo ignorância!”.

Graças à sua “burrice” (e à de mais noventa e nove por cento dos americanos), ele ganha milhões de dólares por ano para reorganizar informações de guias turísticos, listas telefônicas e manuais técnicos.

E as pessoas gostam muito quando compram alguma dessas publicações organizadas por ele. São extremamente claras, organizadas e de fácil manuseio. Seu pior problema? Suas dificuldades de compreender aquelas publicações. E esses problemas tornaram-se seus principais aliados!

Quando li essa reportagem, algo fantástico aconteceu dentro de mim e em minha compreensão sobre qual era a minha profissão.

Essa história foi tão importante para mim que, naquela época, contava-a para todos os amigos, como se tivesse “descoberto a América”!

Fracassos e mais Fracassos...

Um de meus amigos, em retribuição, contou-me outra história fantástica: era sobre um outro americano, empreendedor desde jovem, que nunca fora bem-sucedido. Tivera um primeiro negócio e fracassara. Tivera um segundo empreendimento que não dava dinheiro... No terceiro, desentendera-se com o sócio... Assim por diante, nada dava certo para esse homem, que ia sobrevivendo no decorrer de sua carreira de pequeno empresário.

Um belo dia, depois de várias tentativas, acabara de quebrar em outra iniciativa... Parou, refletindo sobre tantos insucessos e, extremamente insatisfeito, perguntou-se: “Que diabos... Afinal de contas, o que eu aprendi nesses anos todos? O que eu sei fazer, enfim?”.

Nessa ocasião de sua vida, então, encontrou sua mais importante resposta pessoal e profissional: descobrira aquilo que tinha aprendido... O que realmente sabia fazer de melhor... Ele era um especialista em fracassos! Ninguém tinha fracassado tanto quanto ele... Ninguém sabia fazer isso melhor do que ele!

O impacto emocional da descoberta dessa sua realidade única e profunda foi devastador. A partir desse momento, tornou-se milionário. Passou a vender “fracassos”! Isso mesmo! Começou a promover palestras de motivação para empresários quebrados e alto executivos desempregados!

Evidentemente ninguém, absolutamente ninguém, corre o risco de fracassar sentado em uma cadeira sem fazer nada. Somente fracassa aquele que está fazendo ou buscando algo. E ninguém era melhor do que ele para falar sobre esse assunto.

Ele tinha sido mal-sucedido inúmeras vezes e, depois de cada insucesso, sabe-se lá como, conseguira se reorganizar, levantar-se, sacudir a poeira e dar a volta por cima.

Ao longo de sua vida, tivera a oportunidade de viver repetidas vezes aqueles sentimentos e circunstâncias que acompanham cada fracasso. Após cada uma dessas perdas, se recompunha, se auto-motivava e iniciava um novo negócio.

Seu maior drama, seu pior problema... Foi ele que forjou suas melhores habilidades!

Para mim, isso foi a gota d'água. Compreendi então que talvez tivesse que criar a profissão na qual trabalharia! Mais do que isso... Compreendi que o mundo ainda não estava acabado... Eu poderia e deveria dar a minha contribuição nessa construção!

Finalmente entendi que a época em que vivemos colocou em crise todos os antigos modelos de sobrevivência e de compreensão do mundo. Isso me convidou a crer que grande parte das profissões do futuro, talvez, ainda não tivessem sido criadas.

Pela primeira vez na vida, chegara à conclusão de que havia espaço para mim e necessidade da minha participação e contribuição nessa construção do nosso futuro. Isso me transformou interiormente.

Certamente, creio que você também pode encontrar vários exemplos curiosos na sua ou na vida de pessoas próximas.

Normalmente julgamos os fatos apressadamente... Isso nos limita perceber as coisas a partir de um ponto de vista mais amplo e numa dimensão de tempo maior.

Nos três casos anteriores, o meu, o do arquiteto da informação e o do vendedor de fracassos, a dimensão de tempo estava bastante expandida. Foram vidas inteiras! Mas há exemplos mais curtos também...

Perdido no ABC

Certa vez, retornando do litoral em um sábado, pela hora do almoço, durante um feriado prolongado, graças à Operação Descida (da serra), subi a Via Anchieta.

Tenho hábitos alternativos e, geralmente, estou no contrafluxo dos congestionamentos – minha profissão permite uma certa flexibilidade de horários.

Comumente, viajo antes ou depois do grande público e sempre aproveito as baixas temporadas – tudo mais vazio e mais barato. Naquela ocasião, não vinha diretamente para minha residência, tinha como destino um sítio em Arujá, na Via Dutra.

Em ocasiões anteriores, com tempo limitado, viera até o centro de São Paulo para depois encaminhar-me para a estrada, utilizando-me da Marginal Tietê. Naquela oportunidade, entretanto, tinha tempo de sobra e uma curiosidade de experimentar uma nova possibilidade: a de cortar caminho por dentro do ABC Paulista em direção à Via Dutra.

Dei atenção à primeira placa e, no local indicado, abandonei a Via Anchieta em direção à Zona Leste. Naquela época, São Paulo era uma das cidades mais bem sinalizadas do país, quicá da América do Sul; infelizmente, o mesmo não acontecia nos municípios do ABC.

Após a terceira placa, dei-me por perdido em São Bernardo do Campo, acredito. Havia, de fato, muitas placas, porém com nomes de bairros e avenidas locais, dos quais eu nunca ouvira falar.

Eu possuo um senso de orientação espacial e localização muito bom, especialmente durante o dia. Confiando no meu faro, não quis parar para perguntar ou consultar o guia (continuei em frente); imaginava que, cedo ou tarde, encontraria algo conhecido ou uma indicação familiar.

Passaram-se ruas e avenidas, praças, indústrias e mais indústrias... Num dado momento, percorria uma avenida na qual nunca estivera (não que eu me lembrasse). Era uma avenida de duas pistas com três faixas em cada uma delas. Eu estava na faixa central.

Pratico um estilo de direção chamado “defensivo”. Tenho um tio, muito querido, que divide as pessoas que dirigem veículos em duas categorias principais. A primeira, ele chama de pilotos: aqueles cujo passageiro, em nenhum momento, se esquece de que está dentro de um carro – permanece sempre tenso, agarrando-se como pode para manter-se equilibrado no banco do carro.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO

Home-page: www.bloqueios.com.br E-mail: potencial.humano@uol.com.br

Fone: (19) 3258-6008 – Fone/Fax: (19) 3258-4454 – Campinas – SP

O segundo grupo, ele chama de motoristas – aqueles cujo acompanhante, em nenhum momento, se lembra de estar dentro de um carro... As acelerações e frenagens são suaves, as curvas bem dosadas etc. Faço parte desta segunda categoria.

Pois bem, seguia tranqüilamente pela faixa central, passeando (a avenida tinha pouco movimento), quando resolvi andar mais rápido. Quem dirige carros há algum tempo sabe que esse tipo de avaliação não é racional, não olhamos o velocímetro. Quando muito, sentimos a vibração do carro, o vento entrando pela janela, a velocidade dos outros carros e aceleramos ou não...

Qual não foi o meu susto e a minha surpresa de, querendo andar mais rapidamente, ter pisado no freio! Pisei levemente, como pisaria no acelerador, mas foi no freio! Meu coração disparou...

Fiquei muito assustado, aquilo nunca havia acontecido antes. Instantaneamente, olhei pelos espelhos, querendo antecipar algum problema, mas não havia ninguém imediatamente atrás.

Foi algo tão inusitado que nem meu próprio corpo sabia desse fato e, embora estivesse com cinto de segurança, naquela pequena freada todo o meu corpo e cabeça inclinaram-se para a frente.

Uma curiosidade interessante é observar que motoristas, ou mesmo pilotos, em seus assentos, sempre estão mais equilibrados e alertos enquanto dirigem.

De fato, nossa mente inconsciente, quando acostumada com o carro que dirigimos, sabe compensar os movimentos do veículo com tensionamentos diferenciais de músculos antagônicos àqueles que promoveriam os movimentos de recuo ou avanço da cabeça e tronco durante as manobras.

Se você já dirige veículos há algum tempo, talvez tenha observado que a nossa organização motora inconsciente promove uma tensão diferenciada nos músculos do abdômen e região interna dos braços quando aceleramos o veículo; e dos músculos das costas e região externa dos braços, quando freamos.

São contrações suaves que nos permitem agarrar-nos ou apoiar-nos ao volante e banco para a preservação do nosso equilíbrio. Os passageiros, em geral, não sabem avaliar as manobras, por isso têm menos estabilidade em seus assentos.

Por isso também afirmei que, além de ter pisado no freio, em vez do acelerador, meu sistema de equilíbrio automático não estava ativado, coordenadamente, com essa ação.

Completamente assustado, desengatei a marcha e permiti que o carro apenas continuasse com a velocidade que estabilizara e, enquanto dirigia com apenas a percepção periférica, minha consciência e atenção voltaram-se quase que inteiramente para dentro de mim mesmo.

Já tinha experimentado o sonho vívido em outras ocasiões e, naquele lapso, pensei até estar sonhando e belisquei-me; estava acordado, pelo menos aparentemente.

Ao voltar-me para o ambiente interior, estava “checando os sistemas” e avaliando o que poderia estar acontecendo. Pensava: “E se isso acontecesse em avenidas ou ruas movimentadas?”.

E se isso acontecesse ao contrário: querendo frear o carro, ao me aproximar de um semáforo ou cruzamento, pisasse no acelerador? Desastre certo! Enquanto isso, o carro prosseguia.

Nesta avenida, aproximadamente duzentos metros à frente, havia uma curva, que eu nunca percorrera. Na curva, havia uma sinalização de trânsito de estreitamento da pista; especificamente a faixa da direita estava em obras.

Enfim, se nessa curva eu estivesse meio metro à frente, não teria tido tempo de evitar a batida num carro que, com a obstrução da pista, avançara pela direita, antecipando-se, e cortara-me a frente. Não corria, mas seria um acidente em uma avenida, numa curva, após uma grande reta.

Voltei-me novamente para dentro de mim e agradei. Muito emocionado com o ocorrido, dei um grande “muito obrigado” para minha mente inconsciente, “meu tigre e todo mundo lá dentro”. Nem com um computador teria sido capaz de calcular e antecipar aquele fato. Eu sequer havia percebido, conscientemente, o carro à minha direita.

Voltei-me mais uma vez para dentro de mim e propus um novo acordo para minha mente interior (meu próprio “coração”): “Todas as vezes em que, dali em diante, para meu bem estar, integridade e segurança, for necessário retirar o meu controle consciente dos fatos, circunstâncias ou percepções, ou mesmo um seqüestro da minha consciência, então minha mente interior terá total liberdade e autonomia para exercer suas deliberações!”.

Também pensei que em muito poucas ocasiões temos a oportunidade de identificar verdadeiras relações causais. Em geral, as teias causais em nossas vidas são tão complexas e distantes no tempo e no espaço, que, raramente, ao afirmarmos que algo aconteceu **por causa** daquilo, ou fiz isso **porque**, estamos sendo justos na avaliação dos fatos.

Normalmente, são apenas justificativas que a conduta social aceita como plausíveis. Naquele episódio, entretanto, a proximidade no tempo e no espaço eram gritantes. Talvez se o acidente evitado estivesse à frente um ou dois quilômetros, eu não tivesse lembrado ou relacionado as evidências. Voltei-me uma vez mais, então, para dentro de mim e agradei por mais essa intuição e aprendizagem.

Mais Evidências de uma “Outra Lógica”

Certa vez, chegando em casa às (19)h30, depois de uma manhã de treinamentos e aulas dadas na academia, tinha uma agenda lotada de pequenos compromissos: bancos, xerox, correio etc.

Na época, morava perto da Avenida Paulista, e normalmente realizava essas tarefas sozinho e caminhando. Possuía um escritório em casa, além da academia. Era uma segunda-feira e, depois de um seminário de final de semana, ficavam inúmeras coisas para serem resolvidas no início da semana.

Cheguei, troquei a fantasia e, rapidamente, saí. Era um dia no qual, provavelmente, nem teria tempo para almoçar antes das quatro horas da tarde. Acontece...

Saí, ainda meio atrapalhado. Entretanto, durante a descida do elevador do oitavo andar, onde morava, tive tempo para avaliar o que tinha em mãos. Descobri que faltava o documento mais importante que deveria levar. Cheguei ao térreo e voltei.

Entrei novamente em casa, peguei o que necessitava, voltei ao elevador e chamei... Esperei... Esperei... Bati à porta... Nada. Aqueles poucos minutos pareciam horas... Escutei outras batidas à porta em outros andares. Enfim, chegou. Desci.

Era um prédio de dois blocos com portaria dia-e-noite, e quando cheguei lá o porteiro não estava presente. Esperei alguns instantes, coloquei a mão pela grade para tocar a campainha do prédio, pois não possuía a chave do portão. E nada.

A essa altura, eu, que contava os minutos no relógio, já estava contando os segundos. Finalmente, o porteiro apareceu ainda ajustando a fivela do cinto de sua calça. Pensei: “Estava fazendo algo de muito importante, porém, é o meu tempo que está se escoando...”.

Consegui chegar à rua. Caminhei com passos largos em direção ao meu objetivo. Chegando à primeira esquina, o semáforo se fechava para os pedestres.

É uma região de intenso movimento de carros em horário comercial e, para gerenciar o fluxo de veículos da Avenida Paulista e imediações, a sincronização de semáforos tem intervalos de tempo extremamente dilatados – dependendo do horário, a demora é de um minuto ou mais!

Só podia olhar o relógio e continuar a constatar o desperdício de tempo. Enfim, consegui atravessar aquela rua. Num ritmo ainda mais acelerado, caminhei a quadra seguinte até que, chegando à outra esquina, mais uma vez o semáforo se fechava para mim! Irritado e contrariado, lembrei-me das Leis de Murphy (naquele dia não valiam apenas as leis, era uma constituição completa!).

Mais alguns momentos preciosos perdidos. Consegui atravessar a rua. Na época, naquela esquina havia um prédio, no qual estava sediada uma empresa estatal. Caminhando mais vinte metros, exatamente à minha frente, pelo portão da empresa, saiu um grupo de umas quinze pessoas. Era um dia de sol, no inverno, hora do almoço...

Na rua passavam muitos carros e, agora, à minha frente, várias pessoas estavam fazendo o merecido “turismo” na hora do almoço. Foi o limite da minha paciência e tolerância...

Percebi que não conseguiria ultrapassá-los, então voltei àquele percurso de uns trinta metros, após acompanhar-lhes por alguns instantes, esperando uma oportunidade para passar. Decidi voltar e ir pela outra rua.

Cada um de nós sabe quanto esforço é necessário para ser mais rápido que o grande público. Chegando à Paulista, após subir a outra rua, pensei que recuperaria uma boa parte do tempo perdido se fosse de Metrô.

Era apenas o percurso entre duas estações vizinhas, imaginei que seria bom. Cheguei às catracas e descobri que não tinha mais bilhetes em minha carteira. Para comprar um, enfrentei fila. Finalmente consegui entrar.

Quem conhece a Estação Consolação do Metrô de São Paulo sabe que é uma estação muito profunda. Entrei na escada rolante, percebi que o trem estava lá embaixo, chegando. Quando atingi a base da escada rolante, as portas daquele carro estavam se fechando.

Já estava então suficientemente bravo e irritado com tantos contratempos, sentia-me tão impotente que ao invés de chorar, ria sozinho. Tenso e incomodado ainda, alcancei o banco.

Estava preenchendo um formulário de depósitos quando passou por mim um amigo que eu já não via há mais de um ano. Uma pessoa muito importante para mim.

Ele fora o meu primeiro cliente institucional, numa época em que construía meu negócio de lazer, ainda um pouco inseguro enquanto empreendedor. Tinha criado uma nova metodologia do aprendizado do tênis e meus próprios colegas profissionais e instrutores condenavam minha abordagem.

Naquela época, estava “nadando contra a correnteza”. Ele, um profissional de altíssimo gabarito, tornara-se meu cliente e trouxera consigo parte dos funcionários de sua empresa. Apoiara abertamente meus métodos e resultados. Tornei-me amigo pessoal dele.

Ele não pudera comparecer ao lançamento do meu primeiro livro, enviara-me um telegrama cumprimentando-me e desculpando-se e, desde então, nem havíamos nos encontrado. Ocasionalmente, conversávamos por telefone. Finalmente, marcamos uma reunião para tratar de negócios...

Fiquei muito feliz de encontrá-lo. Terminei meus afazeres. Já estava na rua quando lembrei que não pegara o extrato e voltei. Enquanto operava a máquina de auto-atendimento, passou por mim uma amiga que já não via há uns oito anos.

Ela fora minha colega no colegial, colega no Instituto de Física e minha aluna de Tai Chi Chuan. Cada um de nós mudou de endereço e perdêramos contato. Fiquei ainda mais feliz de encontrá-la. Um novo insight brotou; pensei: “Puxa vida, se eu soubesse que iria encontrar essas duas pessoas tão caras, nesse momento, aqui no banco, eu teria me sentado na calçada da rua para esperar o tempo passar!”.

Também pensei que, se eu pudesse antever aqueles encontros, não teria desperdiçado “uma gota” sequer de bem estar e bom humor. Quão tolo eu tivera sido, abrindo mão dos bons sentimentos durante aquele percurso para o banco, empenhado em superar vários obstáculos.

Não fossem aquelas dificuldades todas, não teria encontrado aquelas duas pessoas tão importantes para mim.

Poucas vezes, em nossas vidas, conseguimos observar a sucessão de eventos e fatos através de uma perspectiva mais ampla de tempo e espaço. Nessa dimensão de observação, em geral, as razões e sentidos que atribuímos aos eventos isoladamente são comumente transformados.

Esse panorama apresentado por essas histórias nos aproxima um pouco mais de razões ocultas em nosso coração para os fatos que se desenrolam em nossas vidas.

Conforme vamos nos habituando a essa linguagem interior que nos comunica coisas através dos fatos e das coincidências, começamos a desenvolver uma certa confiança em nós mesmos. Nesse sentido, não existe melhor oráculo do que a observação de nossa própria existência.

Sobre o Autor

Talvez por ser filho único e educado por minha avó materna, especialmente entre adultos, a partir dos sete anos de idade, minhas maiores dificuldades na vida se transformaram em meus mestres.

Muitas vezes afirmei que gostaria de ter tido a oportunidade de aprender tênis com o método de aprendizado que construí. Com um professor que fosse semelhante àquele no qual me transformei...

Isso porque, em toda a minha carreira de instrutor de tênis, somente encontrei dois ou três alunos que tiveram as mesmas dificuldades que tive para aprender esse esporte. Enfim, acabei criando um método próprio para pessoas que tinham dificuldades.

Embora tenha tido dois grandes mestres chineses para aprender Tai Chi Chuan, gostaria de ter sido orientado inicialmente por alguém como o instrutor no qual me tornei... Teria sido mais fácil romper com o racionalismo e o perfeccionismo. Pois as barreiras culturais e lingüísticas, muitas vezes, obscurecem o caminho para o aprendiz ocidental.

Minhas próprias atitudes iniciais de distanciamento da hipnose, ou mesmo da música, mostraram-se insólitas ao longo de minha vida.

Talvez não acreditem, mas minha grande amiga “timidez”, ainda companheira em alguns setores de minha vida, transformou-se num extremo cuidado e suavidade ao lidar com meus clientes, alunos e amigos enquanto profissional.

Minha forma silenciosa de estar presente entre as pessoas germinou na forma de intensas e inflamadas conversas interiores, durante as quais aprendi a negociar, respeitar e interagir com as pessoas.

Minha grande dificuldade de expressão quando criança e adolescente se transformou numa obsessiva busca de precisão na linguagem de adulto.

Meus próprios medos de falar sobre os assuntos mais sérios da vida, como a própria morte, me ensinaram a transitar nesses universos com maior naturalidade, respeito e simplicidade.

Como fica evidente, mesmo com esses poucos exemplos de uma longa lista, meus maiores problemas sempre tinham preciosidades a me mostrar ao longo da existência. Hoje sou capaz de respeitar e agradecer à grande maioria deles!

Coleção Histórias que Libertam

Apresentação da Série

Esta coleção não possui uma seqüência definida ou ordem de leitura entre seus títulos. Por outro lado, as fronteiras entre cada assunto que abordamos nesta série não são precisas. Isso significa que alguns temas ganham maior sentido ao lermos outros títulos relacionados como sugestões. De fato, a apresentação compacta dos temas tratados pede que não se repitam histórias em mais de um título, embora algumas delas sejam importantes em algumas ocasiões diferentes.

Dessa forma, se o estilo de linguagem e abordagem forem atrativos, naturalmente despertarão o interesse pela leitura de assuntos familiares. Especialmente neste caso, sugerimos como um passo importante na compreensão da **Aprendizagem Inconsciente** a leitura do primeiro livro desta série: **“Os Problemas São a Solução”**. Lá estão descritas a filosofia básica que é a atmosfera desta série e a importante atitude da **Leitura Criativa**.

Títulos e Assuntos Desta Série

1. **Os Problemas São a Solução**

Em muitas ocasiões, as maiores e melhores habilidades das pessoas foram forjadas ao superarem os seus mais difíceis desafios. Você já ouviu falar que muitas das pessoas muito bem dotadas não dão valor aos seus "tesouros"? Aceitar os desafios que se apresentam em nossos caminhos e enfrentá-los com sabedoria nos proporciona os prêmios que nossas vidas têm para nos oferecer. Além disso, grande parte das vezes, se soubermos entender os problemas, descobriremos que eles mesmos são soluções para nossos destinos! É o primeiro livro desta coleção e apresenta as linhas gerais dessa abordagem.

2. **Motivação Poderosa - Construindo o Próprio Caminho**

Nos momentos de nossas vidas que realizamos mais com menos esforço, estamos conectados a uma dimensão de nossa concentração e motivação que somente se expressa quando estamos no caminho destinado a nós, seja ao expressar nossos dons ou ao conquistar um grande desafio em nossas vidas. Este livro oferece algumas reflexões sobre esse encontro com nossos maiores poderes e as ocasiões em que se manifestam com maior intensidade.

3. **Renascendo das Cinzas I - Compreendendo a Morte e Conquistando a Vida**

Em nossas culturas ocidentais, a morte é considerada a mais desafiadora experiência humana. Porém, ao longo de nossas vidas, ela se apresenta muitas vezes de forma simbólica ou explícita. Compreender a natureza dessas oportunidades de desenvolver o desapego e aproveitar essas ocasiões para refletir sobre a real essência da vida torna-se uma rica experiência de amadurecimento e aprendizado. Saber "morrer" cria espaço para aprender a renascer. Este é um livro sobre a vida... Escrito para os bem vivos!

4. **Renascendo das Cinzas II - Compreendendo a Morte e Conquistando a Vida**

Naquelas ocasiões em que sentimos a fragilidade de nossas vidas, quando seres microscópicos são capazes de colocar em risco nossos sonhos de viver melhor, criando doenças e limitações em nossa forma de expressão, ficamos preenchidos de medos e maus sentimentos. Outras culturas nos ensinam, entretanto, que essas são ocasiões sagradas de aprendizado profundo e transformação. Poder encontrar o sentido dessas experiências consideradas tão negativas, em geral, permite-nos encontrar saídas para curas milagrosas. Este é um livro sobre libertar-se dos males que acompanham as doenças e provações na vida.

5. **Transformações e Soluções Criativas**

De todas as nossas importantes ferramentas para lidar com as nossas vidas, certamente criatividade é uma das fundamentais. Somente quando somos criativos somos capazes de encontrar nossas próprias soluções. Se observarmos o mundo atual das oportunidades e do caos, certamente concluiremos que ainda existem inúmeras possibilidades de melhorar as coisas para nós mesmos e para as outras pessoas. Entretanto, devemos ativar nossa força criadora para buscar esses resultados.

6. **Criando Mudanças**

Há algumas ocasiões em nossas vidas em que constatamos que tudo possui seu curso natural e não estamos mais excitados com as coisas. Nesses momentos, quando nos sentimos cansados de nós mesmos, aparecem oportunidades de fazermos transformações em nossas vidas... Este livro trata dessas mudanças quando ainda podemos planejá-las. Caso contrário, em breve, "a própria vida vem nos pegar"! Essa é uma importante arte: saber antecipar as crises para ocasiões em que elas ainda podem ser "controladas".

7. **Encontrando o Seu Melhor Destino**

Cartas, bolas de cristal, leitura das mãos, etc, são soluções que a humanidade encontrou para sondar o desconhecido futuro! Porém, cada um de nós possui todas as percepções que precisa para encontrar o seu melhor destino, embora não tenhamos aprendido a identificar tais sinais e evidências em nossas vidas. Por isso ficamos a mercê de tais adivinhos. Ocasionalmente, vivemos experiências de vida que nos enriquecem interiormente porém, se soubéssemos antecipadamente quais seriam as situações a serem vividas, certamente evitaríamos esses caminhos contrariando nossos destinos profundos. Há uma grande sabedoria em antever um futuro possível... Mas também há uma grande sabedoria em desconhecer nossos possíveis destinos... Esse paradoxo somente possui solução quando encontramos o nosso próprio caminho!

8. **A Força do Dragão I - Superando o Medo**

Embora o medo, o pânico e seus irmãos sejam dos mais temidos sentimentos em nossas vidas, certamente a Providência não seria tão estúpida de criá-los se não tivessem uma importância fundamental de nos proporcionar algum aprendizado. Por estranho que possa parecer, na compreensão das novas ciências da cura, tais sentimentos são muito mais soluções inconscientes do que problemas. Aprender com tais manifestações e seguir os caminhos que nos levam a compreender melhor a natureza de tais sentimentos encaminham nossas vidas para um encontro mais rápido com nosso interior.

9. **A Força do Dragão II - Ansiedade, O Combustível do Sucesso**

Nem sempre encontramos os melhores nomes para definir nossos sentimentos. Este livro trata de inteligência interior e da compreensão de que, se dermos nomes negativos a manifestações boas de nossa mente inconsciente, criamos grandes conflitos interiores. Principalmente se tentarmos nos livrar dessas partes de nós mesmos para aceitarmos um papel que não nos é destinado. Aprender a lidar com as sensações que comumente nos invadem faz com que desenvolvamos maior auto-conhecimento e uma compreensão mais profunda de nossa essência, guiando-nos para uma vida melhor.

10. **Força do Dragão III - Conquistando o Peso Ideal**

"Para pessoas diferentes, os chamados são diferentes". Em cada filme de aventura, drama ou ação a que assistimos, cada herói recebe um desafio que serve para construir todo o desenrolar da trama. Para algumas pessoas, encontrar um equilíbrio em sua forma de se alimentar ou estabilizar um determinado peso impulsiona-os para buscas de "segredos sagrados" em qualquer parte do mundo. Poucas vezes vão buscar essas soluções dentro de si mesmas. Quando reconhecemos que nossos desejos e vontades são elaborados numa dimensão mais interior, compreendemos que nossa mente inconsciente conhece, há muito tempo, as respostas que buscamos. Saber se alimentar, aprendendo a reconhecer as necessidades e percepções de nosso próprio corpo, é uma oportunidade para qualquer pessoa, não somente para obesos ou magros.

11. [Desbloqueando o Aprendizado de Idiomas I](#)

Desbloquear o aprendizado de línguas é apenas um passo no processo de compreender de uma forma completamente diferente a natureza da educação. Se cada um de nós já aprendeu a mais difícil língua estrangeira (a nossa própria língua mãe, quando éramos crianças), por que não usamos as mesmas estratégias para os outros idiomas? Porque nossa educação nos instala inúmeros bloqueios ao longo da vida. Este livro explica as razões de tais dificuldades.

12. [Desbloqueando o Aprendizado de Idiomas II](#)

Este livro, como continuação do anterior, oferece algumas dicas sobre como conquistar a habilidade de falar outros idiomas com naturalidade, facilidade e rapidez. São dicas que incluem alguns exercícios para ativar nossa mente inconsciente para que volte a funcionar como quando aprendemos o mais difícil idioma estrangeiro... o primeiro deles, chamado de língua mãe.